

Herois: uma investigação performática

Tania Alice Caplain Feix

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - professora adjunta

Doutora pela Universidade de Aix-Marseille I

Performer, diretora teatral e professora do Departamento de Teoria do Teatro e da Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC)

Resumo: O artigo aborda a questão de uma possível subversão operada pelas práticas performativas do Coletivo carioca "Herois do Cotidiano", vinculado à UNIRIO. A partir das intervenções urbanas realizadas há mais de um ano, baseadas no que Bourriaud chama de "Estética Relacional", o Coletivo desenvolve uma reflexão acerca do Heroi na Contemporaneidade. A partir de uma reflexão sobre ações realizadas em diversos bairros do Rio de Janeiro, o artigo analisa o processo de busca de estruturas relacionais. Essas conduzem a uma co-criação entre performer e transeuntes dentro de um espaço urbano que, além de sua dimensão funcional, adquire uma função poética na busca de alternativas para um espaço artístico dominado por relações de valorização, mercado e crítica midiática.

Palavras-chave: performance, espaço urbano, estética relacional

*Triste do país que precisa de herois
Brecht*

Contra que discursos e práticas coletivas se levanta uma ação performática? Com que modelos pré-estabelecidos ela cria um vínculo, atualizando um questionamento de forma subversiva? Para pensar sobre esse assunto, gostaria de partir do trabalho realizado pelo Coletivo de performance "Herois do Cotidiano", analisando as formas de atuação do Coletivo e a forma com a qual estas estabelecem uma reflexão sobre a questão da subversão dentro da sociedade contemporânea. O Coletivo, composto por cinco performers, ligados à UNIRIO (Jarbas Albuquerque, Larissa Siqueira, Marcio Vito e Tania Alice) e à UFRJ (Gilson Moraes Motta), vem realizando, desde julho de 2009, performances nas ruas do Rio de Janeiro. Em novembro de 2009, o Coletivo ganhou o Prêmio da Funarte "Artes Cênicas nas Ruas", consolidando assim uma pesquisa já iniciada anteriormente acerca da figura do heroi na Contemporaneidade. O que é um heroi na Pós-Modernidade, após o esgotamento e a queda das "Meta-Narrativas" (Lyotard) coletivas? Ainda existem herois hoje em dia?

O meu projeto de pesquisa, desenvolvido de forma teórico-prática na UNIRIO, investiga e atualiza a questão do heroi através da realização de performances e intervenções urbanas. A primeira série de intervenções consistiu em descobrir o que era o heroi através da realização pelos herois de pequenas ações de ajuda em espaços públicos: carregar compras, ceder lugar no ônibus, distribuir panfletos e fazer massagens nos vendedores ambulantes, abraçar e escutar pessoas carentes, etc. Rapidamente, percebeu-

se que a figura do Herói cristaliza relevantes problemáticas atuais. Sabemos que no contexto do “globalitarismo” (Milton Santos) atual, mais ainda na América Latina, dominada pelas estruturas da economia neo-liberal imposta pelas grandes corporações internacionais, é exigido um perpétuo sacrifício das vidas particulares em prol da produtividade econômica, o que implica valores como o esforço pessoal para superar desafios, competitividade e aceitação das desigualdades sociais. Dessa forma, hoje em dia, denominam-se “heróis do cotidiano” todas as pessoas que lutam contra preconceitos, passam por dificuldades econômicas e sobrevivem à custa de grandes precariedades, sacrificando seus sonhos e suas individualidades para realizar um determinado projeto com esforço e sacrifício. Essa identificação de cada um com o herói é certamente um dos motivos que conduz a recepção, sempre carinhosa, da Liga; e seguramente, essa recepção traduz uma crise de valores, visto que aquelas condutas que deveriam ser qualificadas simplesmente como normais (como a solidariedade, o esforço e a disciplina, a abordagem criativa, o engajamento e o comprometimento), passam a ser vistas como ações extraordinárias e heroicas, provocando admiração por parte da população. Reencontramos a ideia do isolamento e da progressiva atomização das relações em maior parte das pesquisas sociológicas a respeito da Pós-Modernidade, como, por exemplo, em *L'ère du vide – essais sur l'individualisme contemporain* (Lipovestky), *Le principe d'humanité* (Guillebaud) ou ainda em *Amor líquido* (Bauman), que todas evidenciam o progressivo esvaziamento das relações humanas na Contemporaneidade e o recuo individualista onde cada um tenta “salvar o seu” e “se dar bem”.

Sentimos então necessidade de investigar e escutar o que as pessoas entendiam por “herói”. Elaboramos um questionário, cuja finalidade seria entender o que tal ideia evoca no imaginário coletivo e, aproveitando a oportunidade, medir o grau de heroísmo da população carioca e realizar uma comparação entre bairros. Os habitantes da Zona Sul seriam eles mais ou menos heroicos do que os habitantes da periferia, do Centro, das favelas ou do subúrbio? Partimos com uma câmera na mão, gravadores e questionários debaixo do braço. Sabe-se que a mídia estimula as formas de reconhecimento do esforço pessoal como meio de ascensão social; os grupos empresariais valorizam a intensa produtividade como atitude heroica; ao mesmo tempo, é realizado um constante incentivo às ações solidárias e o estímulo à criatividade enquanto modos de superação das dificuldades do cotidiano, ultimamente mais ainda reunidas pelo *leitmotiv* politicamente correto de “sustentabilidade” e “ação social”. Assim, o discurso inicial de superação do herói é recuperado por empresas que estipulam que ser herói é se adequar ao profissional que segue o *american way of life* e sobe na escada da ascensão social. Além disso, a literatura de auto-ajuda também se apropriou do tema, reforçando essa ideologia neoliberal. É considerado herói pela coletividade quem se sacrifica em prol da

produtividade, como o mostra por exemplo de forma irônica o trabalho de Dulce Pinzon no projeto “Superheroes”, que fotografa imigrantes mexicanos nos Estados-Unidos com roupas de Superheróis¹. Sacrificando vida e tempo para poder enviar dinheiro à suas famílias, os heróis são estes que sacrificam suas vidas em prol de valores que não escolheram. Dessa forma, 80% dos entrevistados se consideravam verdadeiros heróis do cotidiano, integrando e assimilando este discurso da mídia. As respostas, de uma forma geral, foram extremamente variadas e comoventes, pois eram elaboradas a partir das narrativas individuais de vida, geradas a partir desses valores dominantes.



Foto 1 - "Superheroes" - fotografia de Dulce Pinzon, México.

Retomando agora um pouco de distância em relação a essas vivências performáticas, gostaria de ressaltar que a arte, certamente, constitui um dos últimos bastiões de resistência ao pensamento dominante veiculado pela *mass mídia*. E isso mais ainda quando pensamos em um país que transforma diariamente a cultura em objeto de consumo e de diversão, seja pela construção sempre mais frequente de teatros em shoppings, seja pelo sistema de patrocínio de empresas, necessário à realização de um projeto artístico, e que tende a patrocinar “o que vai dar certo”, sabendo que “certo” pode aqui ser substituído por “dinheiro”. A própria figura do herói foi submetida a este pensamento globalizante. Isso é visível nos mais diversificados meios de comunicação, onde o herói está presente de maneira crescente no cinema, em obras literárias, em sites

¹ Cf. o site de Dulce Pinzon: <http://www.dulcepinzon.com/superheroes.htm>. Último acesso: 07/08/2010.

da Internet, em desfiles de moda e no Carnaval², em campanhas publicitárias governamentais e em empresas privadas. O tema do herói está diretamente relacionado à cultura de massa, na medida em que ele remete ao universo das histórias em quadrinhos, do cinema e da televisão, meios estes onde ele representa um ser dotado de poderes especiais, capaz de resolver grandes problemas da sociedade. Destaca-se neste sentido um movimento norte-americano intitulado “*Real Life Super Heroes*”, que reúne várias pessoas pelo mundo, que se vestem de Superheróis e intervêm na sociedade realizando ações de ativismo ecológico, cultural, social ou lutam contra a criminalidade em seus bairros de residência. O tema do herói constitui então um forte apelo no imaginário da sociedade, propiciando relações de identificação imediata, facilitando processos interativos, que estabelecem o próprio processo relacional como obra, no contexto do que Nicolas Bourriaud chama de “estética relacional”.



Foto 2 - "Heróis do Cotidiano", 7 de setembro, Foto de Cris Isidro

Essa constatação foi o ponto de partida para a elaboração da terceira série de ações dos Heróis, que consiste na atualização do questionamento do herói diante de heróis consagrados pela História do Brasil. Para atualizar este questionamento, o Coletivo

² O desfile de 2010 da Escola de Samba Unidos da Tijuca, organizado por Paulo Barros, contava com a presença de Super-heróis no desfile.

resolveu se infiltrar na Parada Militar do 7 de setembro do ano de 2009 – ação curta, esta, porque os policiais intervieram com rapidez para tirá-los de lá, e os heróis desfilaram então de volta, em sentido invertido, sob os aplausos da população, que se misturavam ao discurso oficial transmitido via alto-falante e que celebrava os “heróis da pátria”, versus os “heróis do cotidiano”, estes celebrados pela população, que se identificava com eles. A partir do apelo e eco importante dessa intervenção, começamos a desenvolver o trabalho em cima de estátuas de heróis nacionais e internacionais - entrando nesse campo definido por Paul Ardenne de “arte contextual”³ - partindo para a rua com baldes, escovas e detergente para dar uma faxina nos heróis da pátria, tornando-os visíveis e fazendo-os aparecer, já que, na maior parte das vezes, a população ignora quem é o herói da própria praça onde mora, na qual a estátua serve simplesmente de suporte para pombos. Percebemos que há, por trás do herói, uma negociação política, que faz o herói aceder ou não ao “Panteão do Herói Nacional”, ou ter acesso a praças, nomes de ruas ou estações de metrô. Em outras palavras: dinheiro compra a imortalidade, e é a atualização deste debate que as intervenções sobre as estátuas podem gerar.

Concluindo, percebemos que o propósito central das ações performáticas consiste, de um lado, em questionar esse ideal de heroísmo que vem sendo divulgado pelos meios de comunicação e, de outro, buscar reconhecer aquelas que, na opinião de uma parcela da população, seriam as ações autenticamente heroicas na atualidade. A partir desses primeiros resultados de pesquisa, novas intervenções foram realizadas, na tentativa de trabalhar um poder de afetar e de ser afetado maior: realizamos performances junto a moradores de rua (“O poder da invisibilidade”, que consiste a chamar a atenção sobre situações de invisibilidade no cotidiano), intervenções na favela Dona Marta (soltando as preocupações dos moradores em balões de hélio) e outras intervenções com eixo na ecologia (Passeata de bicicletas com 30 criaturas sobrenaturais na Semana do Trânsito) ou ainda focadas nas relações inter-subjetivas, como a organização de banquetes em diversos lugares e bairros da cidade, dos quais as pessoas podem participar se falarem de amor. Persiste a dúvida se essa subversão é suficiente. E se não for: como aprofundá-la?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARDENNE, Paul. *Un art contextuel - Création artistique en milieu urbain, en situation d'intervention, de participation*. Paris: Flammarion, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. Carlos. Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BOURRIAUD, Nicolas. *Esthétique relationnelle*. Dijon: Les Presses du réel, 1998.

DELEUZE e GUATTARI. *Mille plateaux*. Paris: Editions de Minuit, 1980.

HOFFMANN, Jens e JONAS, *Action*. Joan. Londres: Thames e Hudson, 2005.

GUILLEBAUD, Jean. *Le principe d'humanité*. Paris: Seuil, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. *L'ère du vide – essais sur l'individualisme contemporain*. Paris: Gallimard, 1983.

LYOTARD, Jean-François. *La Condition Postmoderne*. Paris: Editions de Minuit, 1979.

PORTE, Sébastien e CAVALIE, Cyril. *Un nouvel art de militer*. Paris: Editions Alternatives, 2009.